

Leticia Wierzchowski

NA VEGU
A
LÁGRIMA

NAVEGUE A LÁGRIMA

Leticia Wierzchowski



“Juntos passavam no cair da tarde
jovens luminosos muito antigos.”

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

O SEU AVÔ NASCEU

na Polônia e ela gostava muito dele, sei disso porque escreveu um longo romance sobre o velho. Ela era dada a reminiscências como a maioria dos escritores e, antes de conseguir colecionar um bom punhado de histórias de sua vida pessoal, aquele avô havia sido para ela uma espécie de boia de salvação no mar tempestuoso das fantasias literárias e das adversidades reais.

Afeiçãoou-se bastante ao velho, ficcionalmente falando. Pobre coitada, apesar de o avô ter morrido quando ela estava com apenas sete anos, ela tratou de dar um nó nas datas, aumentando o tempo de convívio entre ambos, e transformou sua obscura pessoa num dos mais fundamentais alicerces da sua vida. Tinha até uma foto dele ao lado da cabeceira da cama, dividindo espaço com as dos filhos e do marido, vejam só.

Estou meio obcecada pela vida dessa mulher e por isso comecei a escrever esta história. Os motivos dessa obsessão vocês vão entender em breve, porém posso adiantar que não fui eu quem saiu atrás dela. Tampouco posso dizer que foi ela que me buscou — a coisa está mais para uma interseção entre as nossas vidas, e é nesse espaço misterioso e atemporal que nós duas nos encontramos.

É engraçado, talvez eu esteja apenas repetindo o seu comportamento em relação ao avô polonês — aqui onde vivo,

andando pelos cômodos desta casa sombreada e calma, sozinha neste verão que já está chegando ao fim, mal posso me lembrar dela sem a ajuda de uma das fotografias espalhadas por aí. Aliás, sempre tive a impressão de que eles saíram da casa de modo apressado, embora eu saiba que não foi nada disso, tal a quantidade de pertences que deixaram para trás, como se fosse insuportável levar tudo, não marcar território e presença nesta casa onde foram tão felizes.

De qualquer modo, no começo eu precisava buscar uma fotografia dela para poder recordá-la, e quando a evocava a imagem que vinha à minha mente era estática, não uma recordação viva da mulher que ela foi e sim apenas uma reprodução de alguma das fotos que encontrei espalhadas por aí. De fato, convivemos pouco e ela nunca me fez uma única confidência. Isso foi no tempo em que eu ainda trabalhava como estagiária na editora, fazendo revisão de textos, e ela era uma autora de relativo sucesso cuja obra começava a ser conhecida do grande público.

Tomamos uma ou duas xícaras de chá juntas, entre anotações e páginas de originais, e ela costumava falar com carinho do marido e do filho mais velho, o único nascido naquela época. Achei-a elegante e discreta, quase esquiva. Eu era jovem, tinha apenas 22 anos. Ela estava com 32 e era se-

nhora do seu tempo, uma mulher inteligente, calma e determinada. Esses encontros entre nós não passaram de cinco ou seis — o suficiente para resolvermos algumas questões de um dos seus romances em fase de revisão, mas a sua figura e a aparente serenidade e leveza no trato com a própria ficção me marcaram. Alguns autores ficavam bastante incomodados quando a gente sugeria uma alteração num texto ou assinava alguma incongruência ficcional; ela não. Depois, no ano seguinte, creio que era 1976, ela trocou de editora e ficamos um longo tempo sem manter contato.

Eu a acompanhava pelos jornais e li todos os seus romances, alguns passaram sem fazer nenhuma marola em mim, outros me trouxeram grande prazer. Foi bem depois, quando a vida tinha me dado a maior rasteira e, no fundo da minha tristeza, dei de cara com o anúncio desta casa, exatamente o que eu estava procurando, que as nossas vidas voltaram a se cruzar tão misteriosamente. Com o anúncio em mãos, corri para o telefone e então soube, através do corretor, que esta casa era deles — dela e do marido.

As suas fotos, presas nas paredes da sala de estar, espalhadas entre outras fotografias de velhos bons momentos da minha vida, estão por todos os recantos. Nunca tive coragem de me desfazer das fotos dela e acho que esse gesto foi

uma espécie de convite para o que aconteceu algum tempo depois. No entanto, eu gostava mesmo das fotos, de todas as fotos que eles deixaram na casa... Sei lá, me transmitiam uma espécie de “sensação de felicidade” e, naquela época, eu estava realmente precisada disso.

Ela, a escritora, até que foi bem bonita durante a juventude. Não uma beleza óbvia, delicada e feminina. Tinha um nariz um pouco grande, um nariz que, com o passar dos anos, deve ter ficado parecido com o do avô polonês dos seus livros. Os olhos eram negros, brilhantes e alegres, e os dentes, excepcionalmente brancos, sempre à vista num sorriso, chamam a atenção em todos os retratos. Engraçado como ela mudava os cabelos; nesse ponto, era camaleônica. Posso vê-la loira, morena, de cabelos curtos e crespos, longos e lisos, longos e crespos. Acho que, no decorrer do tempo em que foi feliz e não precisava se preocupar com a sua vida cotidiana, ela se dedicou a transformar os cabelos. Alguns resultados são melhores do que outros, mas, por fim, ela parece ter adotado os cabelos loiros e lisos, compridos.

Sentada aqui na sala enquanto o sol cai lá fora e crianças gritam em alguma piscina da vizinhança, posso vê-la passar usando um maiô preto, as longas pernas bronzeadas, risonha e ocupada com os seus dois meninos.

É como se o passado às vezes ressuscitasse nesta casa, a interseção entre os nossos mundos, o dela e o meu — e ouço as suas risadas: um dos meninos diz alguma coisa divertida —, e vejo-a correr com uma toalha porque o caçula molhou todo o tapete da sala ao tirar a sunga ensopada de água, e ela (que sempre adorou tapetes e usou essa analogia, a da mulher tecedeira, em um dos seus livros), bem, ela seca o menino com vigor e chama por alguma empregada da família; foram várias no decorrer dos anos. Atarefada com a toalha, recrimina docemente a criança, dizendo que os trabalhos manuais, e aquele tapete, feito a mão por alguma mulher desconhecida numa província argentina, deveriam ser cuidadosamente respeitados. “Cada ponto guarda um pensamento”, é o que ela fala para o filho, séria. O menino ri sem entender muito, e então, seco e com um calção limpo no corpo, corre para o gramado para jogar bola com o irmão mais velho.

É incrível como, quando prestamos a devida atenção, é possível ver que o passado permanece vivo e que o tempo é uma coisa única, circular e eterna. O fato é que andamos sempre tão envolvidos com as múltiplas obrigações da vida comezinha que não notamos absolutamente nada disso.

Eu demorei a entender a subjetividade do tempo. Mas algumas coisas começaram a mudar quando vim definitiva-

mente para esta casa, no final daquele trágico ano de 1995. E começaram a mudar de uma maneira tão clara, tão evidente, que não pude ignorar essa transformação. Ou seja, nada do que aconteceu aqui é mérito meu, não mesmo; de algum modo eu fui escolhida, a vida ou os acontecimentos me escolheram e, quando dei por mim, estava recompilando a história dela e vivendo nesta casa, exatamente nesta casa.

Sim, a casa havia sido dela. Da escritora de cabelos loiros e maiô preto. Era a casa de férias, um desses lugares muito amados e cuidados com extremo zelo, onde famílias felizes passam seus melhores momentos, as férias, feriados e aniversários. Desde que vivo aqui sozinha, o passado vem me visitar como uma espécie de curiosa novela em capítulos. Geralmente ao entardecer, essa hora cálida; e os finais de tarde neste lugar se alongam sem nenhuma pressa, até que a última gota do dia desapareça no horizonte. Sim, na grande maioria das vezes, é ao entardecer que as coisas acontecem.

A grande bola de fogo escorrega para o oceano no lado oposto da península onde a minha casa se situa. Nas mornas areias da Playa Mansa, jovens alegres e salgados de mar aplaudem o balé luminoso. Aqui, o espetáculo também é

bonito. O céu se pinta quase inteiro de vermelho e dourado, bem lá no alto, algum azul ainda teima em permanecer, como uma mancha disforme na qual em breve cintilarão as primeiras estrelas.

Sento-me na sala com todas as portas abertas para o jardim, enquanto as caturritas gritam e fazem alvoroço no alto das árvores, e os vizinhos acionam os seus *sprinklers* e gastam água como se os recursos naturais do planeta estivessem na melhor forma; então ela, todos eles, na verdade, saem das fotografias, lindos, bronzeados, felizes e irreverentes (quem, afinal de contas, tem porta-retratos de momentos ruins da vida?), eles saem e desfilam diante dos meus olhos com suas histórias, alegrias e medos, um pouco de sexo, bellinis, baldes de praia e chuvas de verão.

E eu fico aqui, eu acompanho tudo, todas as histórias, as pequenas brigas cotidianas e as declarações de amor, os aniversários de casamento e os pileques; eu vejo os meninos dizendo suas primeiras palavras, vejo-os aprendendo a mergulhar, ganhando autonomia para ir até a parte funda da piscina, vejo as frágeis gavinhas dos livros dela se estendendo sobre tudo isso, crescendo e fazendo sombra, e posso reconhecer, perdidos na ficção, um ou outro sopro desses instantes do passado. E nesse momento, confesso a vocês, mesmo sen-

do uma criatura resistente, uma dessas mulheres às quais a vida já deu uma ou duas boas caneladas, fico aqui, afundada no sofá branco, e choro, choro de mansinho enquanto lá fora o céu começa a se transformar novamente, tingindo-se de violeta e negro, e Aldebarã se acende para mim.

Estou no meio de um vórtice, e a vida dela, desmembrada e desordenadamente, dança ao meu redor. O resultado disso poderia ser deprimente e confuso, mas, na verdade, tem sido emocionante. Calhou que fosse a vida dela, a da dona da casa — o que parece lógico no meio de toda essa falta de lógica —, no entanto, no fundo, todas as vidas se assemelham na sua ânsia por felicidade, não é mesmo?

Sentada aqui, me pego pensando por que diabos a existência tem de ser assim, essa curva descendente e cruel atenuada por minúsculos e fugazes intervalos de genuína felicidade. Por que, de tudo isso que vi nos últimos tempos, esse filme de quatro pessoas felizes na sua casa de praia, de uma autora jovem e promissora e o marido apaixonado, por que sobrou tão pouco, tão pouco mesmo, a não ser essas fotografias espalhadas pela casa que eles já não habitam, amarelado a cada inverno? Mas talvez não seja nada disso, talvez a vida deles tenha continuado bem longe daqui, trágica e feliz ao mesmo tempo, como todas as vidas têm a

sua porção de tragédia e de alegria, e estas minhas considerações desesperadas não passem apenas de um misterioso efeito colateral das minhas doses diárias de martíni.

Tudo, porém, tem o seu começo, tudo mesmo. E essa curiosa interseção entre as nossas vidas começou um dia num entardecer primaveril.

É COMO SE O PASSADO ÀS VEZES RESSUSCITASSE
NESTA CASA, UMA INTERSEÇÃO ENTRE OS NOSSOS
MUNDOS, O DELA, LAURA BERMAN, E O MEU...
QUANDO PRESTAMOS A DEVIDA ATENÇÃO,
É POSSÍVEL VER QUE O PASSADO PERMANECE
VIVO E QUE O TEMPO É UMA COISA ÚNICA, CIRCULAR
E ETERNA. O FATO É QUE ANDAMOS SEMPRE TÃO
ENVOLVIDOS COM OBRIGAÇÕES COMEZINHAS QUE
NÃO NOTAMOS ABSOLUTAMENTE NADA.

ISBN 978-85-8057-744-0



9 788580 577440

WWW.INTRINSECA.COM.BR